##### A Particularidade do Culto Batismal: Sua liturgia e seus aspectos históricos, teológicos e pastorais.

**Resumo:** Um cristão pode não celebrar o dia do nascimento do seu filho, a sua união marital, a sua formatura profissional, o dia da sua morte, mas, dificilmente, vai querer se manter cristão sem celebrar seu batismo nas águas. O batismo é mais do que um culto; ele é a declaração pública de fé, e uma demonstração, de velha criatura, para uma nova criatura em Cristo Jesus, em que se submete o catecúmeno. Seus muitos formatos, sua história, sua liturgia, seus pré-requisitos, sem contar com seus diversos viés teológicos, fazem do batismo, certamente, uma fonte de cultura sócio religiosa enraizada nos anais da história, e um padrão atual de conduta ética e social do indivíduo.

**Palavras-chave:** Liturgia. Batismo. Catecumenato. Discipulado. Culto batismal.

**Introdução**

 É tendência comum que as muitas vertentes do cristianismo busquem apoio e suporte nas mais antigas tradições da igreja em seu primeiro momento a fim de justificar seus pontos de vistas teológicos e práticos. O lamentável, entretanto, é o fato de que muitas surpresas do passado divergem das linhas de pensamento que muitas igrejas, por desconhecimento ou negligência, optaram por seguir. O próprio Lutero foi um dos que, no afã de reformar a igreja, terminou por amputar diversos elementos que compunham as principais liturgias a ela legadas por Jesus Cristo e seus apóstolos.

 A igreja deve viver o desafio de encarar suas indiferenças e de reconhecer seus equívocos doutrinários à medida que toma maiores conhecimentos acerca das bases de sua fé, a fim de que a vontade de Deus possa prevalecer sobre os interesses e os aspectos teológicos divergentes.

 À luz de todo o contexto que até aqui a história nos legou, somado a algumas afinidades que já fazem parte das celebrações do rito batismal praticados em comum por vários segmentos cristãos, torna-se perfeitamente viável trabalhar a adequação de ritos e de elementos que se perderam ou foram ignorados com o passar dos anos, desde que, prevalecendo a vontade divina, essas incursões promovam a glória de Deus e a maior edificação da igreja, em especial, dos recém-batizados. Dentro da temática do complexo batismal, destacam-se com favoráveis possibilidades de adaptação, os seguintes elementos:

a) O discipulado mistagógico: A igreja vem desenvolvendo desde muito tempo um precioso trabalho de discipulado, entretanto, o resultado final após o batismo da maior parte dos recém-batizados é lamentável, pois os mesmos depois do batismo, em grande parte, não permanecem na igreja.

b) A celebração imediata da Santa Ceia após o batismo: O efeito que os sacramentos (ordenanças) juntas (Batismo e Ceia) podem proporcionar aos novos membros, certamente podem ser revestidos e traduzidos com grande significado.

c) Maior ênfase simbólica dos elementos e dos ritos: A carência de reflexões em cada elemento, certamente, não tem permitido uma maior assimilação da mensagem que eles podem traduzir e, conseqüentemente, contribuir para uma fé mais sólida da comunidade e dos seus novos membros.

 **1. Aspectos Gerais**

 Diante da riqueza e do simbolismo expresso na liturgia batismal, o espaço que melhor configura a localização do batistério, mostra-se de vital importância para a igreja, tanto para uma melhor compreensão, tanto quanto para a melhor locomoção e visualização do ato batismal. Brand entende que “a localização perto da entrada não apenas reforça a idéia de iniciação batismal durante o rito, mas também pode ser uma recordação da iniciação, cada vez que se passa pela pia” (BRAND, 1982, p. 78). Considera-se que os liturgos que sabem valorizar a liberdade de espaço, são ainda mais valiosos (idem, p. 78). Entretanto, para grandes contingentes, no caso de batismo coletivo, prática comum adotado por várias igrejas evangélicas, as celebrações ao ar livre têm se tornado uma das melhores opções na otimização do tempo e do espaço.

 As celebrações batismais, inicialmente, não tinham datas específicas para sua celebração. Posteriormente, com a era constantiniana, ela foi sendo adaptada para o tempo pascal, momento este em que o período de quaresma foi se fixando como tempo de preparação (BOROBIO, 1999, p. 74, 75). Entretanto, com a grande difusão do batismo por medo da condenação por parte da igreja institucionalizada, sua celebração passou a ser feita em períodos bem mais curtos, tal como hoje em dia é visto, principalmente pelas igrejas que batizam crianças recém-nascidas que temem pela não salvação dos bebês.

O batismo, assim como tantos outros rituais, obedece a uma cadeia seqüencial de gestos, de símbolos e de palavras que, de alguma forma, tentam legitimar sua prática e traduzir seus valores em meio às comunidades. É um ciclo repetitivo, não apenas formal, pois tende a dar sentido a vida cristã à medida que também promove o amadurecimento da conduta de fé da comunidade.

 O batismo como um rito de passagem, inicia o indivíduo na comunidade de fé, e estabelece um novo padrão de vida que, por sua vez, reflete sobre toda a comunidade. Adriane Luiza enfatiza que “os rituais concedem autoridade e legitimidade quando estruturam e organizam as posições de certas pessoas, os valores morais e as visões do mundo” (RODOLPHO, 2004, p. I).

 Os ritos de passagem e paralelos ao batismo, a exemplo do nascimento e do sepultamento, por sua rotatividade ou por sua importância respectivamente em nossas vidas, devem fomentar a unidade da comunidade. Não devem ser vistos apenas como mera formalidade. Eles precisam ser internalizados e vividos a seu tempo (idem, p. VIII).

**2. Aspectos Históricos**

 Antecedendo o surgimento do cristianismo, o batismo cristão deriva-se de práticas de outras culturas, como a dos judeus, em que a água era utilizada para banhos rituais (BRAND, 1982, p. 10). No contexto entre o Antigo e o Novo Testamento, João Batista praticava uma modalidade batismal de efeito penitente e com forte teor escatológico (idem, p. 11). Os aspectos deste batismo, por sua vez, geraram grande influência no pensamento cristão que estava por nascer. Por ocasião do derramamento do Espírito Santo no dia de pentecostes, o apóstolo São Pedro, em seu sermão, fez estreita relação de sentido do batismo de João com o batismo em que os novos decididos em Cristo deveriam fazer ao dizer: “Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos pecados (...)” (At 2.38).

Com a conversão do apóstolo São Paulo ao evangelho, o batismo cristão passa a ganhar aspectos mais amplos e coerentes com a teologia da Nova Aliança em Cristo. Numa analogia entre morte, sepultamento e renascimento, ele retoma a questão do batismo aplicando-o em sua nova versão cristianizada (Rm 6. 1-11).

 Dos elementos que compõem o complexo do batismo, o catecumenato, praticamente, nasce junto com o próprio cristianismo por influência do contexto religioso e cultural dos judeus (BORÓBIO, 1993, p. 71, 72). Era inicialmente um período que se desdobrava em três etapas, contemplando o antes, o agora e o depois do batismo. Buscando a formação e o amadurecimento da fé do catecúmeno nos costumes do cristianismo que ora se desenvolvia (ibidem, p. 72, 73). Já os ritos do batismo em si, se desenvolveram numa etapa posterior.

 2.1. **A Liturgia do Ordo Batismal**

 O ordo batismal era celebrado inicialmente dentro de um espaço litúrgico à céu aberto, ou seja, nos rios, nos lagos, no mar. Esta circunstância perdurou-se por vários séculos e, até hoje, ainda influência muitas comunidades cristãs (STAUFFER, 1994, p. 57). Posteriormente, na era constantiniana, foram construídos batistérios dentro do escopo da arquitetura romana para sua celebração (ibidem, 60-63). Após a Liturgia da Palavra, dava-se início a **consagração da água** batismal (LUTZ, 1995, p. 24). Ela consistia em um uma oração na qual o celebrante pedia a Deus para que enviasse seu Espírito e santificasse a água onde, uma vez santificada, teria força para purificar as pessoas (TERTULIANO, apud URBANO, p. 31). Dentre os vários elementos batismais, a **imposição das mãos** era um ato que figurava em todo o processo, desde o catecumenato até o rito do batismo. Segundo White, “(...) a imposição das mãos significam a recepção dos dons do Espírito Santo para os iniciados no “sacerdócio real” (WHITE, 1997, p. 154). A **renúncia a satanás e a adesão a Cristo** foi um elemento que se incorporou em momentos e em formas diferenciadas tendo sua “primeira evidência explícita na celebração litúrgica de renúncia encontrada em Tertuliano” (KALMBACH, 2004, p. 140). Era um rito em que os neófitos renunciavam a satanás, ao mundo pagão e se aliava a Cristo, passando a pertencer ao seu reino (idem, p. 140-142). Durante o rito os candidatos eram orientados a se posicionarem de frente para o ocidente para então fazerem sua renúncia (CHUPUNGCO, 1994, p. 49, 50). Quanto à **unção**, os neófitos a recebiam tanto antes quanto depois do batismo. A unção pré-batismal tinha a função de **exorcizar** o neófito para então proceder sua imersão. Com base em antigas pinturas de batistérios que ainda hoje existem, alguns escritores acreditam que a imersão nem sempre submergia de todo o corpo (GOEDERT, 1988, p. 121) que era precedida pelo Credo Apostólico, feito em forma de tríplice profissão de fé (HIPÓLITO, apud NOVAK, 1971, p. 51, 52) e alternada por três vezes cada vez que o bispo afirmava a crença em uma das pessoas da Trindade (WHITE, op. cit, p. 158). A unção pós-batismal tinha como motivo a **ação de graças** (idem, p. 48, 49).

Um prática que não permaneceu por muito tempo mencionada na Tradição Apostólica, foi a de oferecer aos neófitos após o batismo, uma **taça com leite e mel** entre a recepção do pão e do vinho consagrados. Era dado ao presbítero o dever de explicar a estes o paralelo simbólico do leite com mel e os eventos que marcaram a saída do povo judeu do Egito e sua entrada na terra prometida (idem, p. 50, 51). O uso das **vestes batismais** pelos neófitos era algo carregado de profundo simbolismo. Os neófitos só a usavam após o banho batismal o qual era feito, estando seus corpos nus (KALMBACH, op. cit., p. 47, 48). De cor branca, as vestes expressavam pureza e dignidade cristã (CHUPUNGCO, op. cit., p. 52). Ela retratava o revestimento do novo homem que ressuscitou com Cristo, apontando para a ressurreição final (Cl 2. 11,12; 3.10.). Ao sair da pia batismal, os recém batizados tinham os **pés lavados** pelo bispo. Esta, porém, era uma prática que aos poucos foi entrando em desuso, sendo observada um pouco tempo depois somente por Ambrósio, em protesto a igreja de Roma que o via como algo ultrapassado (idem, p. 52, 53). Vestidos com as vestes brancas, os recém batizados eram conduzidos à presença da comunidade que o aguardava, momento este em que o bispo derramava azeite em suas cabeças e colocava as mãos sobre cada um para pedir a Deus que “os tornassem dignos de ser acumulados [sic] do Espírito Santo” (TERTULIANO, apud URBANO, 1981, p. 71). Logo após selava-os com o **sinal da cruz** e dava-lhes o **ósculo da paz** (WHITE, ibidem, p. 158). Ainda como parte deste ritual, dava-se início a **entrega das velas**. Este ato, porém, só se deu início à partir do IV século a despeito de que os primeiros cristãos e os pais da igreja não a terem incluído anteriormente por associá-lo às práticas de cultos pagãos (CHUPUNGCO, ibidem, p. 46).

 **2.2. O Catecumenato como Requisito Pré-batismal**

 O catecumenato é um elemento de iniciação cristã o qual nasceu na tentativa de possibilitar as pessoas a se tornarem autênticos cristãos e membros da igreja (BOROBIO, ibidem, p. 71). A Didaqué é de consenso, a fonte mais antiga, depois da Bíblia, a tratar com detalhes as questões do catecumenato para o batismo (KALMBACK, ibidem, p. 30, 31).

 A Tradição Apostólica também legou farto conteúdo histórico de como foi elaborado e de que forma era aplicado o catecumenato. Segundo Justino (séc. II) a aprovação de algum candidato ao batismo deveria ser precedido de um pré-catecumenato, ou seja, de uma etapa de preparação na qual os candidatos deveriam conhecer e aplicar as normas e os preceitos da vida cristã (idem, p. 33). Na percepção de Tertuliano, os candidatos deveriam preparar-se para confessar seus pecados e depois receber as instruções para o batismo (idem, 36). Hipólito de Roma foi um dos que mais trabalhou a questão do catecumenato em conexão com vários elementos que formavam o ordo batismal. Ele dividiu o catecumenato em fases de adaptação e aprendizagem (idem, 41-50).

 De uma forma geral, o catecumenato pré-batismal do segundo e terceiro séculos, se definiu em diferentes graus ou níveis de aprendizagem. Durante a Tradição Apostólica estas etapas se caracterizaram na seguinte ordem: simpatizantes, ouvintes e eleitos ou iluminados. Em particular, Tertuliano via-os como: pagãos, ouvintes ou noviços e os ingressos. Orígenes, por sua vez, desmembrou este processo também com rara variação, ou seja: ouvintes, catecúmenos e iluminados (BOROBIO, op. cit, 73, 74). Com o advento da era constantiniana, o catecumenato passou a sofrer algumas modificações até que veio progressivamente desaparecer. Com o aumento do número de interessados ao batismo, muito mais por uma questão de status e formalidade, tendo o cristianismo como religião oficial do império, o catecumenato foi perdendo sua importância e seus valores (idem, p. 74).

 2.3. **Os Personagens do Batismo**

 Hipólito de Roma descreveu a conduta e o perfil daqueles que, pela primeira vez, eram trazidos para ouvir a palavra. Eles eram levados à presença dos catequistas e eram interrogados por qual motivo se aproximavam da fé. As questões iniciais abordavam pormenores de sua vida, como: se tinha mulher, se era escravo, se os seus senhores eram pagãos, etc. Inquiria-se também a respeito de suas atividades profissionais sob a condição de serem recusados, caso fossem praticantes de alguma atividade suspeita de atos imorais, de injustiça ou de violência, como por exemplo: se tinham casa de prostituição, se eram gladiadores, meretrizes, dentre outras funções e qualidades (TERTULIANO, apud URBANO, op. cit., p. 46-48).

 Agostinho que dedicou um espaço para lidar com o catecumenato, na verdade, não olhava para os mesmo como catecúmenos, propriamente dito, ele os viam como rudes, isto é, os que vinham para se informarem sobre os rudimentos da fé, antes de se dedicarem a entrar no catecumenato ou catequese organizada em vista ao batismo (AGOSTINHO, apud NOVAK, 1973, p. 10).

 Para Orígenes, “a igreja recebeu dos Apóstolos o costume de dar o batismo mesmo aos recém-nascidos” (ORÍGENES, 19--, p. 14), ao passo que Tertuliano argumentou contra essa prática, dizendo: “Por que a idade da inocência se apressa para obter a remissão dos pecados? Deixe, portanto, que venham depois de mais crescidos, e então poderão aprender a ser ensinados quando devem vir; deixe-os tornarem-se cristãos quando tiverem a capacidade de conhecer a Cristo” (TERTULIANO, apud HORTON, 1996, p. 572). Entretanto, o medo da morte prematura junto com a concepção de que o batismo era um meio de graça salvífica, foi aos poucos induzindo os pais a batizarem seus filhos ainda bem cedo (MARTIMORT, 1991, p. 66). A teologia agostiniana a respeito do pecado original, foi um dos pré-requisitos para a sedimentação católica desta compreensão (WHITE, op. cit., p. 168).

 Apesar do batismo se mostrar ser um ato individual (BRAKEMEIER, 2001, p. 49), a comunidade é convidada a compartilhar com o batizando, incorporando-o em seu meio, e se prontificando a ajudá-lo em sua caminha de Fé (GOEDERT, op. cit., p. 23). “A Comunidade deve reforçar a relação existente entre o batismo e a vida comunitária” (KALMBACK, ibidem, p. 209). É através do batismo que a comunidade é exortada a renovar seus votos batismais e rememorar a morte e ressurreição do Senhor.

 O batismo também tem o caráter de incluir o noviço cristão no Corpo de Cristo e, ao mesmo tempo, incorporá-lo à Igreja. “O que une os membros numa só aliança não é mais a circuncisão, mas o Espírito de Cristo, pelo batismo” (GOEDERT, op. cit., 28, 29).

**3. Aspectos Teológicos**

 Partindo do pressuposto de que a conversão ao cristianismo se dá por ocasião da inclusão da pessoa na fé cristã, através do arrependimento dos pecados e do reconhecimento de Cristo como único salvador, não necessariamente através da imersão nas águas batismais, o batismo, para grande parte dos evangélicos, traz um enfoque diferenciado de algumas outras tradições cristãs que o vê como um sacramento, tornando-se o único meio pelo qual a pessoa se insere na fé cristã, vendo-se, assim, apta a alcançar a salvação. O batismo, visto apenas como uma ordenança, mostra ser uma complementação de sua entrada no evangelho; uma obediência às ordens de Cristo, e não um meio salvífico.

 Do ponto de vista da epiclese no batismo nas águas, sem desmerecer a ação do Espírito Santo durante o rito, é parecer dos pentecostais que não existe nenhuma conexão direta quanto ao batismo no Espírito Santo. Consideram uma experiência que pode ser vivida à parte, tanto antes quanto depois do batismo nas águas, como conseqüência imediata da decisão da pessoa ao lado de Cristo.

**3.1. Batismo como Sacramento**

 Visto desde muito cedo como um dom da graça de Deus[[1]](#endnote-1), o batismo traz em sua história, a perspectiva de salvação. Segundo o Concílio de Trento, “Um sacramento é algo apresentado aos sentidos e que tem o poder, por divina instituição, não apenas de simbolizar graça, mas também de efetivamente transmiti-la”. Martin N. Dreher, por sua vez, parece conciliar esta idéia quando diz: “... Deus não oferece participação na salvação, conseguida por Cristo, a não ser por meio destes meios, **palavra e sacramento** [grifo meu] exteriores por ele estabelecidos”[[2]](#endnote-2).

 Em resumo, a teologia católica mostra-se inabalada em reconhecer o batismo como um meio da graça através do qual se sustenta o efeito salvífico. A perspectiva de algumas Igrejas protestantes históricas tem nas palavras nas palavras de Eugene Brand a seguinte declaração: “... o Batismo é necessário para a salvação, porque rejeitá-lo provavelmente equivaleria a rejeitar o Evangelho”, por outro lado, salienta que “de um ponto de vista estritamente teológico, não há necessidade de batismo de emergência”[[3]](#endnote-3), apesar de percebê-lo também como um dom da graça de Deus.

 Embora a discussão se mostre equilibrada entre católicos e alguns protestantes históricos, a visão do batismo como sacramento salvífico, não tem a mesma conotação em outras vertentes do cristianismo que o identifica apenas como uma ordenança, estabelecendo o mesmo efeito previsto por aqueles. A teologia evangélica que vê no batismo uma das ordenanças instituídas por Cristo, coloca a salvação irrevogavelmente e unicamente na pessoa bendita de Jesus Cristo através do seu sacrifício vicário[[4]](#endnote-4). Stanley M. Horton, coloca outras ênfases no batismo sem destaque ao efeito salvífico: “O batismo indica que o crente morreu para o velho modo de viver e entrou na “novidade da vida” mediante a redenção em Cristo. O ato do batismo nas águas não leva a efeito essa identificação com Cristo, “mas a pressupõe e a simboliza”. O batismo, portanto, simboliza a ocasião em que aquele antes inimigo de Cristo faz “sua rendição final”[[5]](#endnote-5).

**3.1. O Batismo, a Graça e a Fé**

 Dentro da mentalidade sacramental, a relação entre fé e graça no batismo é revelada em função da bondade expressada por Deus em nós a qual respondemos a ele por fé[[6]](#endnote-6). Brand concorda que “o batismo não exige fé como pré-requisito, seu poder é a Palavra de Deus”[[7]](#endnote-7). Sendo o batismo um sacramento, para Brand, o fato de ter ou não fé para recebê-lo, jamais torná-o inválido[[8]](#endnote-8). Dentro desta perspectiva, não há por que não batizar crianças, inclusive, recém-nascidas. Brakemeier, por sua vez, destaca a “relação que há entre o batismo como um agir de Deus e a fé como um fazer humano”[[9]](#endnote-9). O batismo para efeito de promessa precisa ser crido; diferente da necessidade de crer para ser batizado[[10]](#endnote-10).

 O diálogo consenso entre católicos e protestantes históricos o qual desvincula a graça da fé para efeito no batismo e para a salvação, permanece contrário no pensamento de outras vertentes da teologia cristã[[11]](#endnote-11). Os demais evangélicos, praticamente de um modo geral, fundamentam-se na hermenêutica que julga que a graça salvadora de Deus expressa através do seu Dom, Jesus, seja suficientemente capaz para salvar o pecador, e que a fé interpõe-se como elemento mediador (Ef 2.8) condicionando e impulsionando a pessoa a salvação, tanto quanto para crer e ser batizado. Os candidatos ao batismo precisam dar provas de que crêem no batismo como promessa à ser cumprida por aqueles que se convertem, tanto quanto precisam crer para serem batizados, isto feito por meio do poder da decisão própria, como demonstração de fé e de consciência do ato.

**4. Aspectos Pastorais**

 É através do batismo que a comunidade cresce e também amplia seus laços de comunhão e fraternidade entre seus membros. Entretanto, essa proporção de crescimento precisa ser assessorada por uma liderança que busque conciliar a prática e o conhecimento teológico. Brand ressalta o trabalho da teologia pastoral em confronto a outros ramos do estudo teológico mais preocupados com os aspectos históricos, teóricos e dogmáticos, reiterando a práxis da teologia na vida da comunidade[[12]](#endnote-12).

 Conforme White, há aspectos pastorais que se trabalhados de forma ampla, ou seja, com responsabilidade, com didática e com ênfases em seus valores e significados, certamente há de trazer crescimento e edificação para a comunidade cristã. A Evangelização é apontado como o maior e melhor meio pelo qual a Igreja cresce. Nela inclui-se o catecumenato. Outro aspecto importante é o “valor como sinal”. As ações e os símbolos, por si só, devem falar e revelar muito mais do que as palavras podem dizer. White ainda salienta da importância e da necessidade, caso fosse possível, de que os ritos e elementos que compõem o complexo batismal junto à eucaristia, fossem feitos em uma só celebração, ou em um só momento. Ele apela para a necessidade de tornar visível a “unidade de todo o processo de iniciação”[[13]](#endnote-13).

 A ética pastoral também não deve perder de vista a relação da comunidade com os ritos paralelos. Ritos que fazem parte do seu dia-a-dia. Ritos que de alguma forma, comprometem o corpo comunitário.

 O batismo precisa ser visto pela ótica dos aspectos pastorais tendo em vista que a oportunidade de alguém ser batizado, por vezes, implica em fatos circunstanciais da vida em comum e não, necessariamente, por outras razões que decorram da fé, da urgência, do medo, etc..

 A ética pastoral deve se mostrar presente nos momentos difíceis e de incertezas em que algum membro da comunidade possa se encontrar. Seja no nascimento, ou na morte, o líder comunitário precisa saber equilibrar entre a teologia e a prática, buscando a melhor solução que busque confortar seus membros.

 O batismo, seja visto como ordenança ou sacramento, tem seu especial espaço na liturgia do culto cristão por consubstanciar a vontade de Deus sobre aqueles que reconhecem terem morrido para o mundo e tenham revivido em Cristo.

**Conclusão**

Face à grande inquietação e o desejo natural das comunidades do nosso tempo de aprofundar sua busca com Deus e de ampliar seus conhecimentos, buscando nas raízes do cristianismo algo que venha consubstanciar sua fé, e dá respostas mais concretas às questões pertinentes a conduta cristã, urge a necessidade das igrejas desenvolverem e reverem todo o contexto de suas celebrações litúrgicas e suas afinidades com os seus respectivos membros.

 O Batismo como um rito de iniciação, pode se constituir em um grande aliado para a conquista de uma comunidade mais sensível às questões sociais e para a mais perfeita comunhão de seus membros.

 Investir em um ritual rico em símbolos que transmitam valores, pode não apenas ser um resgate às tradições mais genuínas do cristianismo, mas pode se tornar também um forte elemento que busque firmar e estabilizar os membros da comunidade e trazer-lhes preciosos conteúdos pedagógicos.

**Notas Bibliográficas**

1. Martin DREHER. *Palavra e Sacramento,* p. 65. [↑](#endnote-ref-1)
2. Ibidem,p. 159. [↑](#endnote-ref-2)
3. Eugene L. BRAND. *Op. cit.*, p. 28, 29. [↑](#endnote-ref-3)
4. Myer PEARLMAN. *Op. cit.*, p. 145, 146. [↑](#endnote-ref-4)
5. Stanley M. Horton. *Op. cit.*, p. 570. [↑](#endnote-ref-5)
6. Eugene L. BRAND. *Op. cit.*, p. 23. [↑](#endnote-ref-6)
7. Ibidem, p. 25. [↑](#endnote-ref-7)
8. Ibidem, p. 25. [↑](#endnote-ref-8)
9. Gottfried BRAKEMEIER. *Batismo e Fé,* p. 39. [↑](#endnote-ref-9)
10. Ibidem p. 44. [↑](#endnote-ref-10)
11. Myer PEARLMAN. *Op. cit.*, p. 145, 146. [↑](#endnote-ref-11)
12. apud, Eugene L. BRAND. *Op. cit.*, p. 7. [↑](#endnote-ref-12)
13. James F. WHITE. *Op. cit.*, p. 172-174. [↑](#endnote-ref-13)